



Revista Educação e (Trans)formação
Journal Education and (Trans)formation

Universidade Federal do Agreste de Pernambuco

**EDUCAÇÃO FÍSICA, CAPOEIRA E RELIGIOSIDADE:
MATERIALIZANDO POSSIBILIDADES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DE
ABORDAGEM DE UMA PRÁTICA CORPORAL**

**PHYSICAL EDUCATION, CAPOEIRA AND RELIGIOUSITY:
MATERIALIZING THEORETICAL-METHODOLOGICAL POSSIBILITIES OF
APPROACHING A BODILY PRACTICE**

Júlio Ricardo de Barros Rodrigues
jrbrodrigues_ef@hotmail.com

Henrique Gerson Kohl
profhenriquekohl@hotmail.com

Edilson Fernandes de Souza
edilson.souza@ufpe.br

Resumo

Este trabalho tem por objetivo discutir algumas repercussões da construção da Capoeira como prática corporal significativa à nossa Cultura Corporal de Movimento, a partir do deslindamento de algumas possibilidades de compreensão e abordagem dessa prática como conteúdo de ensino do componente curricular Educação Física na Educação Básica. Este deslindamento teórico-metodológico acontece a partir de uma revisão da história dessa Prática Corporal/ Luta, inicialmente marginalizada pelo catolicismo dominante em relação às crenças africanas, o que não impediu que pouco a pouco tivesse seu valor cultural reconhecido. Consideramos aqui algumas possibilidades de tematização deste tópico analisando-o como conteúdo de ensino derivado de um dado cultural através do processo de transposição didática que vincula a prática corporal à prática social. Desse modo e sob a perspectiva de exemplo, foi possível constatar potencialidades identitárias no tocante ao respeito às especificidades de cada prática corporal em virtude do processo de transposição didática que viabiliza sua abordagem e seu ensino como saberes escolares conforme prevê o Currículo de Pernambuco – Ensino Fundamental: Componente Curricular Educação Física.

Palavras-chave: Capoeira; Educação Física; Cultura Corporal de Movimento; Prática Corporal; Religiosidade.

Abstract

This work aims to discuss some repercussions of the construction of Capoeira as a significant body practice for our Body Culture of Movement, based on the unraveling of some possibilities of understanding and approaching this practice as teaching content of the Physical Education curricular component in Basic Education. This theoretical-methodological unraveling takes place based on a review of the history of this Body Practice/Fight, initially marginalized by dominant Catholicism in relation to African beliefs, which did not prevent it from gradually having its cultural value recognized. Here we consider some possibilities for thematization of this topic, analyzing it as teaching content derived from cultural data through the process of didactic transposition that links bodily practice to social practice. In this way and from the perspective of example, it was possible to verify identity potentialities regarding respect for the specificities of each corporal practice due to the process of didactic transposition that makes its approach and teaching viable as school knowledge as provided for in the Pernambuco Curriculum – Elementary Education : Physical Education Curricular Component.

Keywords: Capoeira; Physical education; Body Culture of Movement; Body Practice; Religiosity.

1. Introdução

“Louvai o Senhor com tímpanos e danças,”

(Salmos, 150, 4)

“O pensamento cartesiano liberou o corpo do domínio da Igreja para o jugo da ciência.”

(Antônio M. de Araújo Gomes).

Este ensaio tem como proposta central discutir a consolidação da Capoeira como dado/patrimônio da cultura brasileira e pernambucana, analisando de forma mais detida o papel desempenhado por sua dimensão religiosa no processo de seu desenvolvimento histórico. Trataremos, portanto, da Capoeira como um elemento que ao mesmo tempo em que legitima a constituição multicultural do Brasil, reflete em sua constituição histórica os mecanismos de controle das pulsões inerentes ao desencadeamento de um processo civilizador (Elias, 1994a).

Desta forma, não é nosso objetivo traçar uma narrativa da ou sobre a Capoeira, mas sim, construir uma discussão a partir da Capoeira, que ora se consolida como um dado sociocultural extremamente rico para a Cultura Corporal de Movimento brasileira, nordestina e pernambucana; estabelecendo, assim, interfaces com demais outros saberes escolares a serem ensinados e aprendidos tanto nas aulas do Componente Curricular Educação Física, quanto nas de tantos outros componentes que constituem o currículo escolar (Daolio, 2004 e

2005; Geertz, 1989; Goodson, 2010; Pernambuco, 2019; Revel, 1989; Souza, Kohl e Rodrigues, 2022).

As investigações sociológicas sobre o problema do desporto [como prática corporal] têm a responsabilidade de explicar alguns dos seus aspectos que não se conheciam antes ou que, se eram conhecidos, o seriam de uma forma muito vaga. Nesses casos, a tarefa consistia em dar maior segurança ao saber. Tínhamos a profunda consciência de que a compreensão do desporto contribuía para o conhecimento da sociedade (Elias, 1985a, p.39, grifos nossos).

Para tanto, procederemos da seguinte forma: (1) em primeiro lugar traçaremos um breve histórico da Capoeira, situando sua construção e prática na produção cultural brasileira com origem africana; (2) em seguida, abordaremos, dentro deste processo de elaboração, a função (social) desempenhada pela dimensão religiosa que lhe é inerente para, finalmente, (3) abordar preliminarmente as implicações contextuais decorrentes desse panorama para a tematização da Capoeira como elemento integrante do conjunto de conteúdos pedagogizados pelo componente curricular Educação Física na Educação Básica de maneira a vislumbrar um horizonte teórico-metodológico possível e passível de consideração quando do aporte dirigido ao ensino das demais práticas corporais que constituem os saberes escolares ensinados e aprendidos nas aulas de Educação Física.

2. Metodologia

O enfoque narrativo que ora empreendemos origina-se de uma demanda pedagógica genuinamente presente ao cotidiano das aulas de Educação Física e, nesse sentido, busca, como veremos, suscitar reflexões que, sob um ponto de vista teórico-metodológico, possam materializar-se em possibilidades pedagógicas de compreensão da capoeira (saber escolar) como prática corporal (dado da cultura). Desse modo, a elaboração deste texto requereu a articulação entre referenciais da Sociologia dos Processos, da Antropologia Social, da Educação Física Escolar, da Teoria Curricular e da Capoeira como requisito teórico fundamental para a estruturação da abordagem aqui realizada, sempre com o duplo escopo de (a) evidenciar as possibilidades pedagógicas pertinentes à tematização da Capoeira; e, ao mesmo tempo, (b) apontar possibilidades procedimentais de compreensão das demais outras práticas corporais no sentido de potencializar os processos de mobilização de saberes e de transposição didática norteadores do ensino de Educação Física nas escolas.

As apropriações e aproximações feitas têm portanto, caráter reflexivo (teórico) e exemplar (metodológico) respeitante ao reconhecimento conceitual e fenomênico da capoeira

como prática corporal em respeito à sua identidade epistemológica e caracteristicamente presente em seu ensino nas escolas. As conclusões delas advindas, são portanto, constatações resultantes deste viés didático-pedagógico que, a partir da sistematização destes procedimentos, buscamos evidenciar.

3. A Capoeira como saber escolar derivado da cultura: entre a prática corporal e a prática social

Resumidamente, a Capoeira é uma prática corporal de origem africana criada pelos negros como uma forma de se contrapor à opressão e à submissão que lhes eram impostas frente às agruras da escravidão, sempre regida por preconceitos e violências de todo tipo. Sendo originária das diferentes etnias constituintes da escravatura brasileira – Bantos, Sudaneses, Malês, etc. -, a Capoeira como prática corporal culturalmente constituída se compõe de alguns elementos, tais como a musicalidade, os movimentos acrobáticos e a religiosidade; este último, objeto central à dimensão teórico-metodológica estabelecida neste texto.

A escravidão foi um dos pilares do sistema colonial, no qual o tráfico negreiro constitui-se em um dos negócios mais rentáveis da época para as metrópoles colonizadoras. O Brasil foi último país do mundo a abolir a escravidão. [...] [Os negros] eram considerados mercadorias, reduzidos a “coisas” e totalmente submetidos às vontades de seus senhores (Mello, s.d., p.02, grifo nosso).

Os destinos de uma nação cristalizaram-se em instituições que têm a responsabilidade de assegurar que as pessoas mais diferentes de uma sociedade adquiram as mesmas características, possuam o mesmo habitus nacional. A língua comum é um exemplo imediato. Mas há muitos outros. [...] Ainda hoje não é prática comum ligar o habitus social e nacional corrente de uma nação à sua assim chamada “história” e, em especial, ao processo de formação do Estado por que passou. Muitas pessoas parecem ter a opinião tácita de que “O que aconteceu no século XII ou XV ou XVIII é passado – o que é que isso tem a ver comigo?”. Na realidade, porém, os problemas contemporâneos de um grupo são crucialmente influenciados por seus êxitos e fracassos anteriores, pelas origens ignotas de seu desenvolvimento. Isto aponta para uma das tarefas que a sociologia ainda não enfrentou – e, ao mesmo tempo, para um método que pode ajudar uma nação a conciliar-se com o seu passado (Elias, 1997, p.29-30, grifos nossos).

As ponderações supracitadas remontam e realçam a pertinência das tensões, intenções, contextos e perspectivas a partir e através das quais buscamos estabelecer as conexões e, assim, alcançar o objetivo almejado pela elaboração deste ensaio. Apontam para uma demanda social e cultural que é premente e que encontra na articulação com a Educação

algumas possibilidades teórico-metodológicas de oferecimento de respostas mediante construção de conhecimentos radicada na consideração (dos saberes construídos nas e a partir) das práticas corporais como dados da cultura (brasileira, pernambucana) e, assim, da Educação (Física) Escolar (Brandão, 2003; Leão, 2007; Souza, Kohl e Rodrigues, 2022). Com outras palavras, foram esses os pressupostos de ordem teórica e metodológica que nortearam a realização deste estudo; caracterizando as contribuições eliasianas para a sua concretização.

Nesse sentido, é válido destacar, no contexto ao qual nos propomos abordar a prática corporal Capoeira como um conteúdo de ensino do componente curricular Educação Física a partir dos elementos que o constituem – notadamente o cariz religioso –, que, o período histórico (final do século XIX e início do século XX) e as condições sociais e culturais que compuseram todo o panorama no qual se encontravam os negros escravos, seus criadores, favoráveis à violência física a qual se viam expostos cotidianamente e impiedosamente, se fizeram fundamentais para sua conformação como possibilidade de defesa pessoal/ luta corporal na qual a integridade física e sua preservação como atributo humano diante de todo um contexto contrário, foram os principais vetores para a gênese histórica da Capoeira (Lucena, 2009 e Rodrigues, 2006 e 2009).

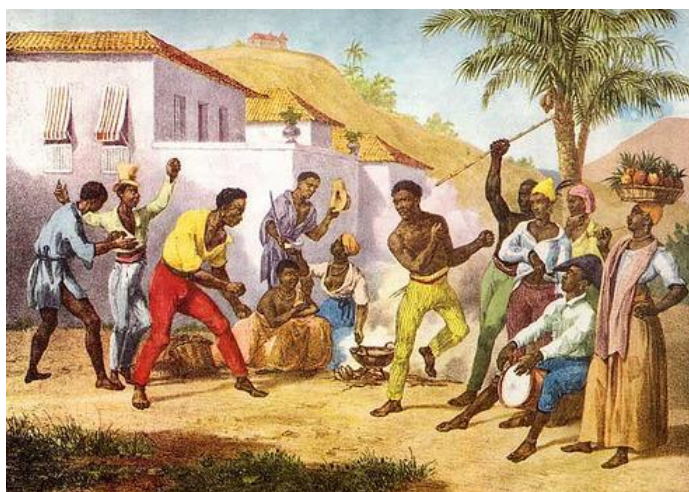


Imagem 1: Negros escravizados jogando Capoeira (“Danse de La Guerre”, Rio de Janeiro, década de 1830)¹

¹ “Dança da Guerra”. RUGENDAS, João Maurício apud MACEDO, 2006, p.445. Considerado o primeiro registro histórico existente sobre a prática da Capoeira em virtude da destruição de todos os documentos referentes à escravidão proposta por Rui Barbosa e sancionada pela Constituinte em 14 de dezembro de 1890, sob o pretexto de “*enterrar por vergonha este período, [causando, assim,] dano à documentação de nossa história*” (Jornal do Commercio, 2009, p.14).

É possível verificar que, sob o escopo educacional norteador ora considerados, os componentes sociológicos pontuados e circunscritos às relações de poder buscadas/ estabelecidas e, assim, evidenciadas ao longo do tempo, repercutiram e repercutem até os nossos dias; seja sob uma perspectiva interindividual (identitária e de autodescrição, por exemplos), seja de um ponto de vista social/ institucional (atribuição compartilhada de valor à Educação e mesmo dentro da Educação, como, por exemplo, as instituições públicas e privadas de ensino, e, dentro delas, aos componentes curriculares que constituem suas rotinas).² Em “*A Condição Humana*”, Elias (1985b) nos alerta para os riscos inerentes e decorrentes da “febre hegemônica” sobre a busca pela paz mediante o desrespeito aos direitos humanos em uma perspectiva mais ampla, verificável ao longo da história sobretudo sob os auspícios da sobrepujança de uns sobre os outros, sob os mais diversos argumentos.

Igualmente em “*Os Alemães*”, Elias (1997) nos apresenta, sob esses termos, algumas perspectivas e possibilidades de análise criteriosa destes aspectos e acontecimentos; perspectivas e análises que, sob um prisma propriamente metodológico, nos fornecem, também, alguns elementos a partir dos quais é possível ponderar sobre os efeitos destes mesmos aspectos em contextos essencialmente educativos e apropriadamente delimitados, como os que ora circunscrevemos:

Quando analisa os acontecimentos históricos ocorridos nas nações europeias durante os séculos XIX e XX, por exemplo, Elias afirma que esses acontecimentos possuíam algumas características em comum, entre elas uma “cientificação crescente do controle sobre a natureza” e “uma diferenciação ocupacional crescente”, o que fazia com que essas sociedades se movessem em uma mesma direção (Brandão, 2003, p.67-68, grifo nosso).

Em vista disso, a civilização não supõe destinos sociais uniformizados nem mentalidades abstratas e comuns a um dado período da história. Apresenta-se o primeiro conflito aberto pela teoria. A civilização funciona muito mais em termos de pertencimento a grupos ou a situações sociais concretas. [...] A correspondência ou equivalência entre a estrutura da personalidade e as formas de organização social formadas por um grande número de indivíduos interdependentes são, antes de tudo, dinâmicas e, por isso mesmo, vão assumindo modelos na história. Interdependência não quer dizer harmonia, mas tensões e conflitos” (Leão, 2007, p.27-29, grifos nossos).

² “Ao pensarmos na sociedade contemporânea, é difícil fugir ao sentimento de estarmos a encarar seres humanos como se fossem meros objetos, separados de nós por um fosso intransponível. Este sentido de separação é expresso, reproduzido e reforçado por conceitos e idiomas correntes que fazem com que este actual tipo de experiência surja como evidente e incontestável. Falamos do indivíduo e do seu meio, da criança e da família, do indivíduo e da sociedade ou do sujeito e do objecto, sem termos claramente presente que o indivíduo faz parte do seu ambiente, da sua família, da sua sociedade. [...] A sociedade que é muitas vezes colocada em oposição ao indivíduo, é inteiramente formada por indivíduos, sendo nós próprios um ser entre outros” (Elias, 1980, p.13, grifo nosso).

Por aí se vê que, ao contrário do que contam muitos de nossos livros de história, a submissão dos negros às condições impostas pelo regime escravocrata nunca foi aceita/internalizada de forma pacífica; mesmo com a elaboração de medidas de coibição de fugas, das quais se destacavam as chibatadas no pelourinho e as surras e mutilações exemplares; que não subtraíram dos negros, não de todos ao menos, o desejo pela liberdade.

A “desumanização” da figura do negro, sua percepção como “coisa” conforme dito anteriormente, funcionava como um mecanismo de coerção e controle social que fazia com que qualquer coisa que a eles se relacionasse auferisse de forma imediata um valor sociocultural marginalizado (Mello, s.d.).

Desse modo, verifica-se que a Capoeira, surgida como um movimento/ prática corporal de defesa pessoal, vai aos poucos e seguindo o processo histórico de civilização/ (auto)controle das condutas, se transformando em movimento de luta social, tal qual conhecemos hoje; se amalgamando de forma inextrincável à identidade cultural do Brasil (Rodrigues, 2006). Esta nos parece ser a principal vertente histórica para a abordagem pedagógica desta prática corporal brasileira e para o cumprimento do viés teórico-metodológico almejado, ou seja, tematizá-la à luz de sua própria história, seu processo de sistematização, sua estruturação interna, sua transformação e reconhecimento sociocultural - de “luta corporal marginal”³ a “patrimônio cultural nacional”⁴ (Elias, 1994).

A abertura da história às práticas culturais populares, como temáticas relevantes para se conhecer uma sociedade, tem proporcionado aos historiadores inúmeras (re)descobertas que eram antes um privilégio folclorista e ou memorialista. A Capoeira é, desta perspectiva, um caminho a ser trilhado, cujo conhecimento pode iluminar e revelar alguns dos processos de construção da identidade nacional (Macedo, 2006, p.458, grifo nosso).

³ Conforme pode ser verificado no Decreto nº 847 de 11 de outubro de 1890 (Capítulo XIII), intitulado “Dos Vadios e Capoeiras”, em seu Art. 402:

“Fazer nas ruas ou praças públicas exercícios de destreza corporal conhecido pela denominação de capoeiragem. Pena de 2 a 6 meses de reclusão.

Parágrafo único: É considerada circunstância agravante pertencer o capoeira ou a alguma banda ou malta. Aos chefes ou cabeças impor-se-á a pena em dobro” (Código Penal Brasileiro, 1890).

⁴ “Até a primeira metade do século XIX, a capoeira era uma manifestação exclusiva dos negros escravos. Com sua passagem dos meios rurais para os centros urbanos, os outros setores da população, como ex-escravos, estrangeiros e, até mesmo, membros da elite. [...] A adesão de outros seguimentos sociais à prática da capoeira fez com que esta ganhasse maior penetração na sociedade, apesar da constante repressão e perseguição” (Mello, s.d., p.04).

Se no final do século XIX, o praticante de capoeira era passível de punição pelo Código Penal, no decurso de algumas décadas a situação mudou quase que radicalmente. Ainda no início do século XX, ela começava a ser vista com outros olhos por um segmento de letrados que buscava, no lastro do discurso de construção da nação, elaborar e valorizar práticas que apontavam nesse caminho. [...] Se, no século XIX, a ação dos partidos de capoeiras era motivo de classificá-los como vadios ou criminosos, e parte dessa herança já estava associada ao próprio nome. Ao longo do século XX essa associação é paulatinamente desfeita e associada a uma prática identitária que resgata a história de povos que aqui se estabeleceram (Lucena, 2009, p.59-60, grifos nossos).

Esta perspectiva, do ponto de vista pedagógico, permite à Educação Física e ao próprio conteúdo Capoeira articular-se a outras disciplinas/ conteúdos afins, de maneira a aprofundar suas questões centrais e situá-las em um contexto macroestrutural mediante consideração dos elementos que a compõem (Daolio, 2004 e 2005). É precisamente diante desta possibilidade de trato pedagógico que partiremos para a discussão da função central desempenhada pela dimensão religiosa desta prática corporal, para o desenvolvimento histórico ao qual nos referimos brevemente, como uma dimensão constituinte de sua construção histórico-cultural.

4. Práticas Corporais: a relação pedagógica entre Capoeira e Religiosidade como norte para reflexões teórico-metodológicas

De acordo com Hellern, Notaker e Gaarder (2000), as religiões surgiram do animismo, ou seja, da percepção animada que o homem atribuía às coisas existentes ao seu redor. Segundo os autores, ele “acreditava que os animais, as plantas, os rios, as montanhas, o sol, a lua e as estrelas continham espíritos, os quais era fundamental apaziguar.” (idem, p.15). Citando, dentre outros, C. P. Tiele (1830-1902), os autores definem a religião como “a relação entre o homem e o poder sobre-humano no qual ele acredita ou do qual se sente dependente. Essa relação se expressa em emoções especiais (confiança, medo) e ações (culto e ética).” (p.17).

Considerando a relação de dependência estabelecida pelo homem com um poder sobre-humano no qual acredita e o objeto de discussão deste texto, qual seja, a Capoeira como prática corporal culturalmente construída, percebe-se que essa relação se fundamenta, seja qual for o credo religioso, em uma oposição entre corpo e espírito (corporalidade x espiritualidade); oposição na qual ao primeiro cabem todas as circunstâncias e contingências

fugazes, limitantes e depreciativas, enquanto que o segundo, se constitui em uma referência imaterial, eterna e superior que se encontra, conforme observado, temporariamente presa ao corpo (Hellern, Notaker e Gaarder, 2000).

Não obstante a oposição limitativa historicamente presente às questões religiosas voltadas ao corpo, essa temática tem sido pouco explorada pela área do conhecimento Educação Física. Para Saneto e Anjos (s.d.) a religiosidade desempenha um papel fundamental na vida social e política da sociedade hodierna, o que repercute inevitavelmente nas manifestações corporais construídas/ produzidas por esta mesma sociedade.

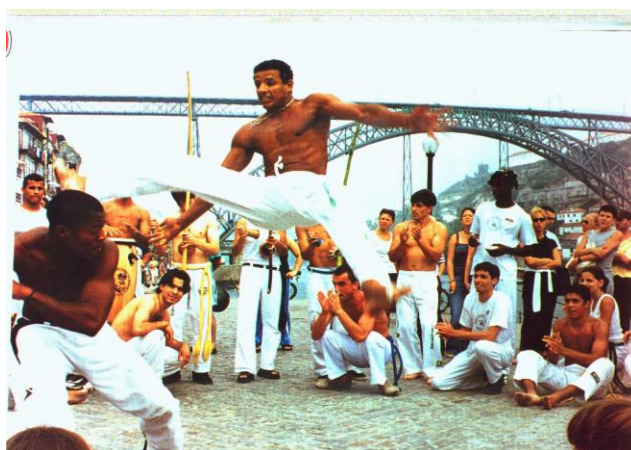


Imagem 2: A roda de capoeira: um dos símbolos rituais da Capoeira como uma prática corporal emergente da cultura⁵

Estando o sagrado e o profano sempre presentes nas discussões de caráter religioso, seja qual for a temática em questão, é de fácil constatação, conforme já observado, o papel inferior atribuído ao corpo nessa “disputa”. Sobre isso, e mais uma vez recorrendo a Saneto e Anjos (s.d., p.02), destacamos que é na oposição binária entre sagrado (espírito) e profano (corpo) pela salvação humana que reside o cerne das discussões acerca das práticas corporais e religiosidade como dados componentes daquelas como construções culturais passíveis de tematização pedagógica nas escolas, à luz de sua dimensão religiosa:

Tudo que os mitos⁶ contam a respeito de sua atividade criadora – pertence à esfera do *sagrado*. [...] Em contrapartida, o que os homens fazem por própria iniciativa, o

⁵ Fonte: <http://arodacapoeira.no.sapo.pt/imagens.html> (acesso em: 10/10/2023)

que fazem sem modelo mítico, pertence à esfera do *profano*: pois é uma atividade vã e ilusória, enfim, irreal (Elíade, 1992, p.85 apud Saneto e Anjos, s.d., p.02).

A tradição está constantemente incumbida de promover transmissão de ritos para que, com isso, consiga a perpetuação daquilo que é mítico, mas essa função não é absoluta, pois o que pertence no campo do profano luta no sentido de substituir o que se encontra no campo do sagrado, disputando o corpo como espaço para permanecer seu poder (Saneto e Anjos, s.d., p.02 e 03, grifo nosso).

Esta última observação é bastante sintomática e condizente com os processos pelos quais passou e passa a Capoeira em nossa história. Estando geneticamente atrelada à religiosidade africana – notadamente o candomblé -, e por isso, marcada pelo preconceito e pelo rótulo de profano, a Capoeira hoje é reconhecida como um patrimônio cultural do Brasil. Ainda que se considere sua gênese marginal decorrente da “inferioridade visceral” atribuída aos negros escravizados (racismo estrutural), é de fácil verificação que, a partir do momento em que ela se insere em outros ramos e espaços sociais tidos como “não-marginais” – e assim, se inserindo também na cultura dominante – sua aceitação se amplia, seus rumos passam a ser discutidos, rediscutidos e reconstruídos; e, daí, novas possibilidades surgem.

Esta é, em nossa opinião, a principal vertente a ser considerada na elaboração de planos e propostas de ensino que visem à tematização da Capoeira na Educação Básica, mais especificamente, no que tange à sua dimensão religiosa; e que, aqui, suscita o viés teórico-metodológico passível de consideração para o ensino das demais práticas corporais como saberes escolares derivados da cultura. Tal se dá unicamente porque, ao se considerar essa prática e todos os elementos que a compõem como dados da cultura consideramos também a discussão da validade do raciocínio cartesiano (“corpo x mente”, “corpo x espírito”, “negro x branco”, etc.) como aspecto caracterizador da história de nossas práticas corporais, como pode ser observado, a título de exemplo, no estudo de Edilson Souza (2010, p.39-40) sobre as práticas de batuques no Brasil:

Uma das características da civilização, ou mais precisamente, de seu processo, é o fato de que algumas sociedades, por possuírem elementos comuns em seu modo de organização social, maneira de pensar nas relações de parentesco, nos aspectos jurídicos e crenças religiosas, buscam expansão dessas maneiras estendendo-as a outros povos. [...] No caso brasileiro, um dos elementos fundamentais para tornar

⁶ “O mito é uma história que geralmente acompanha um rito. O rito com frequência reitera um ato em que o mito se baseia. [...] O mito procura explicar alguma coisa. É uma resposta metafórica para as questões fundamentais: de onde viemos e para onde vamos? Por que estamos vivos e por que morremos? Como foi que a humanidade e o mundo passaram a existir? Quais são as forças que controlam o desenvolvimento do mundo?” (Hellern, Notaker e Gaarder, 2000, p.19).

comum o que conferia atitudes e gestos “civilizados” europeus foram as configurações religiosas por meio das ordenações e sua interdependência com o Estado, implantado no Brasil a partir de 1808. Decorridos três séculos de colonização, o que se observava no século XIX era um cotidiano marcado por inscrições religiosas em aspectos proibitivos e comerciais. Pagava-se aos indivíduos, em nome de “Deus e do Senhor Jesus Cristo”, da mesma maneira que proibiam as práticas que contradiziam a etiqueta cristã-católica, como as figurações dos batuques (grifos nossos).

5. Considerações Finais

Diante do exposto neste breve ensaio, acreditamos ter conseguido levantar algumas questões centrais à abordagem pedagógica da Capoeira, como prática corporal, a partir de sua própria história, em especial de sua dimensão religiosa, que se expressa primordialmente em sua ritualidade. Situando esses elementos na polarização “sagrado x profano” inerente às discussões religiosas, percebe-se a incidência de dois outros binômios essenciais à compreensão cabal da Capoeira como produção cultural historicamente situada: “corpo x espírito” e “(cultura dos) negros x (cultura dos) brancos”.

Fundada precipuamente no Candomblé, a Capoeira tem sofrido os preconceitos decorrentes da inserção de uma prática social e corporal “negra” em um ambiente/ período histórico marcadamente centrado nos valores de uma “cultura branca” da qual se sobressai além da superioridade racial, a supremacia do dogma católico. Isso repercute grandemente na constituição religiosa de origem africana, uma vez que, ao mesmo tempo em que são considerados “coisas” – e sendo por isso submetidos aos trabalhos (corporais) forçados e desprovidos de valor social – seus costumes são também considerados inferiores e até mesmo opostos aos de seus senhores (“Dos Vadios e Capoeiras”).

A dimensão religiosa se presentifica nas vivências práticas/ “rodas” de Capoeira, nas cantigas e ritmos entoados, nos procedimentos adotados no processo de sua sistematização, como, por exemplo, o batizado e a graduação (“mestre”). Com isso o que quero dizer é que a oposição “corpo x espírito” não se sustenta, ao contrário do que ocorre no catolicismo, por exemplo, na religiosidade africana; fato perceptível não apenas na Capoeira, como também nas danças populares como o Frevo e o Maracatu, que enriquecem sobremaneira a (multi)cultura pernambucana, tão elogiada e reconhecida internacionalmente.

Em outros termos, situar o corpo entre o sagrado e o profano à luz de sua história significa (re)conhecer o papel e o valor sociais hoje atribuídos às práticas corporais em âmbito geral; e da disciplina Educação Física no âmbito escolar. É identificar a partir desta mesma

história de que maneira(s) essa oposição repercute na legitimidade de tais práticas que, ao longo da história da humanidade e dos processos constituintes da(s) sociedade(s), passam a integrar e construir uma gama de elaborações culturais capazes de identificar um povo/ nação; inclusive e principalmente contando as oposições constituintes de sua história.

Desse modo, e considerando os conceitos estruturantes constituintes e norteadores dos processos de construção e de implementação do Currículo de Pernambuco – Ensino Fundamental: Componente Curricular Educação Física (Pernambuco, 2019), quais sejam: Cultura, Linguagem e Práticas Corporais, é possível verificar a pertinência de abordagens teórico-metodológicas semelhantes para os demais saberes (culturais) a serem ensinados e aprendidos nas aulas de Educação Física (Geertz, 1989 e Revel, 1989). O aspecto que merece realce e para fins de conclusão destas reflexões, entretanto, é a relevância do conjunto de ponderações necessários à consideração das especificidades identitárias de cada uma das práticas corporais que constituem tais saberes no sentido de, assim, potencializar o processo de atribuição de significado à construção de aprendizagens almejadas; fato que nos remete, por sua vez, ao estabelecimento (também metodológico) de critérios para a filiação à uma determinada abordagem pedagógica da Educação Física por parte de cada docente (Daolio, 2004; Goodson, 2010; Pernambuco, 2019; Souza, Kohl e Rodrigues, 2022).

Referências

BRANDÃO, Carlos da Fonseca. **Norbert Elias**: formação, educação e emoções no processo de civilização. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

DAOLIO, Jocimar. **Educação física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados, 2004.

_____. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papirus, 2005.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Menino de dois anos com 50 agulhas pelo corpo todo**. Recife: Diário de Pernambuco, n.150, 16 de dezembro de 2009.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, Vol. I, 1994.

_____. **Teoria simbólica**. Trad. Paulo Valverde. Oeiras: Editora Celta, 1994.

_____. **Os alemães**: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. **A busca da excitação.** Trad. Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: DIFEL, 1985.

_____. **A condição humana:** considerações sobre a evolução da humanidade, por ocasião do quadragésimo aniversário do fim de uma guerra (8 de maio de 1985). Trad. Manuel Loureiro. Lisboa: DIFEL, 1985.

_____. **Introdução à sociologia.** Trad. Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Editora 70, 1980.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GOODSON, Ivor. **Currículo: teoria e história.** 9ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry; GAARDER, Jostein. **O livro das religiões.** Trad. Isa Maria Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

JORNAL DO COMMERCIÓ. **O dia em que rui pisou na bola.** Recife: Jornal do Comercio, a.91, n.348, 14 de dezembro de 2009.

LEÃO, Andréa Borges. **Norbert elias & a educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. A capoeira e o esporte: anotações a partir da sociologia figuracional de norbert elias. In: **Escritos a partir de Norbert Elias.** Edilson Fernandes de Souza, José Luís Simões e Ricardo de Figueiredo Lucena (Orgs.). Recife: Editora Universitária – UFPE, pp.55-66, 2009.

MACEDO, Ana Paula Rezende. **A capoeira angola: história, persistência e transformações.** História e Perspectiva. Uberlândia, 2006, pp. 425-461.

MELO, Sálvio Fernandes de. **A poesia oral da capoeira: fonte de leituras sobre o negro afro-brasileiro.** XI Congresso Internacional da ABRALIC – Tessituras, Interações, Convergências. Universidade de São Paulo, 13 a 17 de julho de 2008.

MELLO, André da Silva. **A história da capoeira: pressuposto para uma abordagem na perspectiva da cultura corporal.** Centro Universitário Vila Velha (UVV), s.d.

OLIVEIRA, Paulo Santos de. Revoltas: dois líderes e duas formas de combater a escravidão. **Revista Continente**, a.IX, n.108, pp.48-51.

PERNAMBUCO. SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO. **Currículo de Pernambuco – ensino fundamental.** Recife: A Secretaria, 2019.

PESSOA, Maria Eduarda Lemos da Silva; CASTRO JÚNIOR, Luis Vitor. **A musicologia da capoeira: significados e expressões.** Universidade Estadual de Feira de Santana, s.d.

PIZA, Daniel. Arte e religião: vestígios de uma relação que já foi mais próxima, mas ainda não se extinguiu. **Revista Continente**, a.IX, n.108, pp.24-26.

REIS, André Luiz Teixeira. **Educação física & capoeira: saúde e qualidade de vida**. Brasília: Thesaurus, 2001.

REVEL, Jacques. **A invenção da sociedade**. Trad. Vanda Anastácio. Lisboa,: DIFEL, 1989.

RODRIGUES, Júlio Ricardo de Barros. **A história da capoeira**. Texto subsídio para tematização, discussão e elaboração de atividade avaliativa na Educação Básica. Jaboatão dos Guararapes, 2006.

_____. **As lutas como elementos da cultura**. Texto utilizado para tematização do conteúdo lutas em aulas da Educação Básica. Jaboatão dos Guararapes, 2009.

SANDRONI, Carlos. Música: mudam os meios, mantêm-se os vínculos. **Revista Continente**, a.IX, n.108, pp.36-37.

SANETO, Juliana Guimarães; ANJOS, José Luiz. **Práticas corporais e religiosidade: discursos de líderes religiosos**. Universidade Federal do Espírito Santo (CESPCEO), s.d.

SOUZA, Edilson Fernandes de. **Entre o fogo e o vento: as práticas de batuques e o controle das emoções**. 3ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2010.

SOUZA, Edilson Fernandes de; KOHL, Henrique Gerson; RODRIGUES, Júlio R. de B. **Práticas corporais como linguagem: ponderações preliminares acerca da organização do componente curricular educação física no ensino fundamental**. Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar Mossoró, v.8, n.25, janeiro/ 2022, p.164-171 (<http://natal.uern.br/periodicos/index.php/RECEI/issue/view/215> acesso em: 02 de janeiro de 2024).